



**GINCANA DA INTEGRAÇÃO:
UMA INTERVENÇÃO NA TRANSIÇÃO DO QUINTO PARA O SEXTO
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Emerson Tortola
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR
emersonortola@utfpr.edu.br

Aline Keryn Pin
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR
alinepin@utfpr.edu.br

Rodolfo Eduardo Vertuan
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR
rodolfovertuan@utfpr.edu.br

Barbara Winiarski Diesel Novaes
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR
berbaraw@utfpr.edu.br

Resumo: Este trabalho relata uma intervenção realizada no âmbito de um projeto de pesquisa, com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através de classificação em Edital Universal, que aborda a transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. Trata-se de uma gincana desenvolvida com as turmas de quintos e de sextos anos das cinco escolas participantes do projeto, que visou a integração dos estudantes a partir de uma experiência lúdica, materializada pela visita dos estudantes dos quintos anos à escola em que possivelmente estudariam no sexto ano, sendo eles recepcionados pela equipe pedagógica e pelos estudantes dos sextos anos, que recém vivenciaram essa experiência de transição. Na gincana foram desenvolvidas provas que prezavam pela educação matemática como uma forma de promover a integração entre os participantes. Optamos por descrever com mais detalhes duas delas: Caça ao Tesouro e Tangraste. Para tal descrição, baseamo-nos nos registros fotográficos realizados durante a gincana e nas anotações feitas em diário de campo dos pesquisadores. A Gincana da Integração se mostrou como um espaço profícuo para a interação dos estudantes dos quintos e dos sextos anos e promoveu uma experiência positiva aos estudantes dos quintos anos ao conhecer a escola em que estudariam no ano seguinte.

Palavras-chave: Educação Matemática. Ensino Fundamental. Atividades Recreativas. Ludicidade.

INTRODUÇÃO

A transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental revela-se como uma questão a ser pensada com cuidado pelas instituições de ensino, uma vez que provoca mudanças substanciais na vida escolar dos estudantes, gerando expectativas e receios sobre a fase que se inicia e que os insere em um novo contexto educacional (CASSONI, 2017; MAIA *et al.*, 2019). Entendemos que pensar essa temática não é de responsabilidade exclusiva das escolas da Educação Básica, mas também de Instituições de Ensino Superior que, mediante o seu compromisso social, ao promover espaços de formação, inicial ou continuada, com o intuito de fomentar debates e reflexões acerca de questões que permeiam as práticas escolares, podem incluir essa transição na pauta de discussão.

Preocupados com os impactos dessa transição, em particular para a educação matemática dos estudantes, desenvolvemos um projeto de pesquisa, com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), circunscrito a partir de classificação em Edital Universal - Faixa A (2016), intitulado “Da passagem do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental: uma investigação acerca da cultura escolar, dos processos de ensino e aprendizagem e das concepções docentes e discentes”, que visou investigar quais aspectos de ruptura e continuidade emergem na transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental de escolas públicas de um município do Oeste do Paraná, no que diz respeito à disciplina de Matemática. Participaram do projeto cinco escolas: três municipais e duas estaduais, que ofertam turmas de quintos e de sextos anos, respectivamente.

Como uma ação desse projeto, constituímos um grupo de estudo com professores que atuam com essas turmas, ou que atuam nessas escolas e apresentam interesse nessa temática da transição. No âmbito desse grupo algumas ações de intervenção foram definidas, sendo uma delas a promoção de um momento de integração, por meio de uma gincana, entre os estudantes dos quintos e dos sextos anos das escolas participantes do projeto, que chamamos de Gincana da Integração.

Tal gincana foi idealizada como um momento lúdico, no qual oportunizamos aos estudantes dos quintos anos conhecer a escola na qual possivelmente estudariam no sexto ano, no ano seguinte, além de promover uma interação com os estudantes dos sextos anos, que vivenciaram a transição no ano corrente. O termo “possivelmente” foi utilizado pois as escolas participantes do projeto localizam-se em duas regiões e é comum que os estudantes ao ir para

o sexto ano se matriculem em uma escola da mesma região, conforme descrição da realidade vivenciada nessas escolas pelos professores envolvidos.

A Gincana da Integração, portanto, teve como intuito dar assistência aos estudantes em fase de transição, de modo a minimizar os impactos negativos que por ela podem ser causados, preparando-os para um novo espaço escolar, com uma nova organização, novos colegas e novos professores, pois sem conhecer a realidade em que irão se inserir, eles baseiam suas crenças e expectativas exclusivamente em depoimentos de colegas, familiares e professores, que vêm revestidos de suas personalidades, impressões e papéis que desempenham no contexto escolar, o que pode gerar ansiedade e acentuar a sensação de ruptura.

Diante desse objetivo, realizamos a Gincana da Integração em dois momentos, nos espaços cedidos pelas escolas estaduais, uma vez que são elas que ofertam turmas de sextos anos. Em ambos os momentos, a gincana iniciou com uma recepção dos estudantes pela equipe pedagógica e pelos professores do projeto, seguida da realização de provas que foram planejadas, em conjunto com os professores do grupo de estudo e com os discentes do Curso de Licenciatura em Matemática, participantes do Programa de Residência Pedagógica¹, de modo a abarcar a Matemática como uma forma de viabilizar a integração dos estudantes. Nove provas foram realizadas, algumas em simultâneo, e foram organizadas visando a participação de todos os estudantes em pelo menos uma delas. A organização dos estudantes se deu a partir da constituição de quatro equipes, que contaram com estudantes tanto dos quintos quanto dos sextos anos.

É sobre essa ação de intervenção, a Gincana da Integração, que nos debruçamos neste relato, de modo a propor essa ação como uma possibilidade (entre outras) de lidar com a transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental, que pode ser reproduzida, com as devidas adaptações de acordo com a realidade local, em outras escolas. Para tratarmos a temática de uma forma objetiva e respeitarmos os limites de espaço determinados para a redação deste trabalho, optamos por compartilhar, neste relato, descrevendo com mais detalhes, duas das provas desenvolvidas durante a Gincana: a Caça ao Tesouro e o Tangraste, as quais consideramos ilustrativas das atividades realizadas. Para tal descrição, baseamo-nos sobretudo nos registros fotográficos realizados durante toda a realização da gincana e nas anotações feitas em diário de campo dos pesquisadores.

¹ O Programa de Residência Pedagógica é uma ação promovida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que oferece bolsas como forma de incentivo ao aperfeiçoamento da formação de discentes dos cursos de licenciatura. No período de execução do projeto, fomos contemplados com um núcleo do Programa, o qual teve como docentes orientadores dois professores que integraram a equipe de pesquisadores desta pesquisa, viabilizando a realização de ações conjuntas.

Este relato está organizado em três seções, além desta introdução, nas quais abordamos como se constitui, para nós, autores deste relato, a Gincana da Integração; como ocorreu a seleção, organização e realização das provas; e, a partir da descrição delas, duas com mais detalhes, como se dá a interlocução de tais provas com a Matemática. Finalizamos o relato com algumas considerações, com base na experiência vivenciada.

O QUE É A GINCANA DA INTEGRAÇÃO?

A Gincana da Integração pode ser descrita como uma atividade recreativa com vistas a promover uma experiência lúdica aos estudantes dos quintos e dos sextos anos, cujas provas foram planejadas para favorecer o bem-estar dos estudantes, o estabelecimento de relações sociais e o compartilhamento de experiências e conhecimentos sobre esse momento da vida escolar, além de possibilitar que os estudantes dos quintos anos conhecessem a estrutura da escola em que estudariam no sexto ano, sendo recepcionados pelos estudantes que recém vivenciaram essa experiência de transição.

A proposição dessa gincana se respaldou no pressuposto de que momentos de ludicidade e integração entre os estudantes podem minimizar a sensação de ruptura que essa transição pode gerar, uma vez que, segundo Luckesi (2014, p. 19), experiências lúdicas promovem um estado “de bem-estar, de alegria, de plenitude ao investir energia e tempo em alguma atividade”. Além disso, conforme Maia *et al.* (2019), o trabalho com o desenvolvimento social dos estudantes nesse período é de extrema importância, pois pode reduzir problemas comportamentais, de responsabilidade e autorregulação.

Nesse sentido, as provas foram planejadas de modo a incentivar atividades de socialização, trabalhando com as expectativas dos estudantes, em particular dos quintos anos, por meio de jogos e brincadeiras, proporcionando-lhes um sentimento de acolhida e de bem-estar na escola que visitaram.

De acordo com Torres (2019, p. 130),

o brincar e o jogar constituem-se como importantes fontes de desenvolvimento e aprendizagem, possibilitando ao aluno apropriar-se de conhecimentos e habilidades no âmbito da linguagem, da cognição, dos valores e da sociabilidade, ou seja, no brincar e no jogar as crianças vão constituindo-se como agentes de sua experiência social.

Dessa forma, os jogos e as brincadeiras propostos nas provas da gincana vislumbraram a sociabilidade, a exploração do ambiente e o engajamento dos estudantes com os valores compartilhados no novo ambiente escolar, além de contemplar uma abordagem de ideias e

conceitos matemáticos que se difere da comumente realizada em sala de aula, refletindo nossa preocupação com a formação matemática desses estudantes que vivenciam esse período de transição.

Nessa perspectiva, essa experiência contribuiu, também, para que os estudantes lançassem sobre a Matemática um olhar “diferente” daquele da sala de aula, contribuindo com a desmistificação de ideias como a de que a prática da matemática se restringe à sala de aula, a partir da resolução de exercícios cujos conteúdos foram recém explicados pelo professor, e a de que os conteúdos matemáticos do quinto e sexto anos são independentes, sem relação ou conexão, o que tornaria os conteúdos do sexto ano totalmente novos e mais complexos - ideia difundida inclusive por professores dos quintos anos ao buscarem preparar seus estudantes para a nova fase escolar, conforme observa Seibert (2019).

ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO DA GINCANA DA INTEGRAÇÃO

As atividades da Gincana ocorreram nos dois colégios estaduais, participantes da pesquisa, que ofertam turmas de sextos anos. Em um dos colégios a gincana foi realizada no dia 21 de novembro e no outro, no dia 25 de novembro de 2019, nos períodos matutino e vespertino. Cada colégio recebeu os estudantes de quintos anos de escolas municipais localizadas no mesmo bairro. Desse modo, em uma das escolas participaram estudantes de 2 escolas, uma municipal e outra estadual. Na outra, de 2 escolas municipais e 1 estadual. A gincana contou com a colaboração de discentes do Curso de Licenciatura em Matemática, participantes do Programa de Residência Pedagógica (2018-2020).

Participaram da gincana em torno de 450 estudantes, matriculados em cinco turmas de quintos anos (de três escolas municipais) e onze turmas de sextos anos (de duas escolas estaduais). Os estudantes foram recepcionados com uma fala de boas-vindas da equipe pedagógica do colégio que sediou a gincana e da equipe executora da pesquisa, que explicou os objetivos da ação e falou a respeito da importância desse momento de transição e do papel da matemática nesse contexto.

Como um dos objetivos era a integração, os estudantes foram organizados em equipes necessariamente constituídas por estudantes dos quintos e dos sextos anos. Seus membros foram indicados por faixas coloridas (amarela, preta, rosa e azul), distribuídas entre os estudantes assim que chegaram ao local da gincana – em ambos os casos, na quadra de esportes das escolas. Cada equipe foi orientada por um monitor, discente do Programa de Residência Pedagógica, que auxiliou os estudantes na organização dos participantes de cada prova.

Foram definidas nove provas: 1) Grito de Guerra; 2) Painel artístico; 3) Caça ao tesouro; 4) Tangraste; 5) Jogo da Memória; 6) Torre de Hanói; 7) Circuito; 8) Chute ao gol; e 9) Torta na cara. A quantidade de participantes de cada prova foi previamente definida pelos organizadores, a fim de possibilitar a participação de todos os estudantes em pelo menos uma atividade. O Quadro 1 contém uma breve descrição sobre a organização das provas e a participação dos estudantes.

Prova	Descrição
Grito de Guerra	As equipes elaboraram um grito de guerra para representá-las. Os critérios para a pontuação foram: animação, melodia, criatividade e texto. O texto escrito era entregue aos monitores para avaliação. As equipes tiveram em torno de 15 minutos para realizar essa prova.
Painel artístico	Seis integrantes de cada equipe ficaram responsáveis por confeccionar um painel artístico a partir do <i>slogan</i> : “A escola que eu quero”, retratando suas expectativas ou anseios. Foram disponibilizados pincéis e tintas para essa tarefa. A prova ocorreu de forma colaborativa e por revezamento de dois participantes a cada 30 minutos. Os critérios para a pontuação foram: criatividade, coerência na composição artística e com o tema proposto.
Caça ao tesouro	Seis integrantes de cada equipe participaram da caça ao tesouro, dentre eles foram eleitos um capitão e um mensageiro. O capitão ficou responsável por ler as pistas e o mensageiro por sanar as dúvidas, durante a realização da prova, diretamente com os monitores. Um ponto foi contabilizado a cada pista desvendada. Nenhuma pontuação foi atribuída para pistas encontradas ao acaso. O término da prova ocorreu quando o tesouro foi encontrado. A pontuação se deu de acordo com a quantidade de pistas desvendadas.
Tangraste	Oito integrantes de cada equipe tiveram a tarefa de montar um tangram gigante, porém, eles precisaram primeiro levar as sete peças do tangram até um lugar específico. Para isso, eles usaram um dispositivo formado por um gancho preso a uma base de madeira, ligado a oito cordas, sendo cada integrante responsável por uma delas. Juntos eles usaram o dispositivo para transportar as peças e só após todas as peças serem transportadas, começaram a montar o tangram. A classificação se deu conforme a ordem de término da prova.
Jogo da Memória	Uma quantidade par de cartas foi posicionada de modo que cada uma podia ser localizada a partir de um par de coordenadas cartesianas. Em uma das faces de cada carta havia uma operação aritmética, a qual ficou voltada para baixo. Dois integrantes de cada equipe jogaram. Em cada turno um integrante foi responsável por escolher duas cartas, enunciando os pares de coordenadas escolhidos, o seu companheiro virava as cartas correspondentes. Quando combinavam, formando uma igualdade, eram retiradas do jogo, quando não, elas eram viradas para baixo novamente. A prova terminou no momento em que todas as cartas foram combinadas e removidas. A equipe com maior pontuação venceu. Nos casos de empate, uma rodada extra foi realizada.
Torre de Hanói	Utilizando uma Torre de Hanói, dois integrantes de cada equipe deveriam deslocar todos os discos de um pilar para outro qualquer, obedecendo duas regras: movimentar apenas um disco por vez e nunca deixar um disco de maior diâmetro sobre um de

	menor diâmetro. Os pontos foram contabilizados de modo que a equipe que terminasse primeiro tinha a maior pontuação.
Circuito	Dez integrantes da equipe percorreram um circuito com uma sequência de quatro tarefas para testar suas habilidades físicas, motoras e matemáticas. Integraram o circuito: a estrada dos bambolês, a corrida dos cones, o basquete e a trincheira. O circuito deveria ser realizado no menor tempo possível.
Chute ao gol	Dez integrantes de cada equipe foram desafiados a acertar locais demarcados com arcos de bambolês em um gol, os quais foram localizados nos cantos superiores, no centro entre eles, logo abaixo do travessão, nos cantos inferiores, no centro entre eles, logo acima da linha do gol, e nos centros de cada trave lateral. A cada local foi atribuída uma pontuação específica, conforme a dificuldade de acertá-lo, e os integrantes, um por vez, chutaram ao gol para atingir as pontuações. O objetivo da prova foi atingir a maior pontuação, porém eles tiveram que ponderar sobre onde chutar com base em suas habilidades.
Torta na cara	Todos os integrantes das equipes participaram dessa prova. Quatro integrantes por vez, um de cada equipe, competiram para verificar qual deles conseguia responder mais rápido a uma questão matemática. Tinha direito à resposta o aluno que acionasse primeiro o botão de um dispositivo preparado para essa finalidade - uma luz acendia para a equipe que apertava primeiro o botão. Caso respondesse corretamente à questão, o aluno tinha o direito de acertar uma torta na cara de um dos três oponentes, à sua escolha. A equipe do aluno que acertava a resposta recebia 10 pontos, a equipe do aluno que levava a torta na cara não recebia pontos e as outras duas equipes recebiam 5 pontos. Caso o aluno errasse a resposta, levava uma “tortada na cara” de um dos oponentes, à sua escolha, e ninguém pontuava na rodada.

Quadro 1 – Descrição das provas da Gincana da Integração
Fonte: Dos autores

As provas foram anunciadas sempre com alguns minutos de antecedência para que os estudantes participantes pudessem se dirigir ao local de realização. Nos locais de prova havia os monitores responsáveis, que recepcionavam os estudantes e explicavam como as provas funcionariam, dando a devida assistência para a realização.

Vale ressaltar que os conhecimentos contemplados nas provas diziam respeito a conteúdos geralmente abordados no quinto ano ou a um ano anterior, sendo provavelmente já estudados por todos. As professoras das turmas participantes, que inclusive auxiliaram na organização da gincana, foram consultadas nesse sentido, para verificar a pertinência dos conteúdos abordados.

Algumas provas ocorreram concomitantemente e, por isso, elas foram cronometradas para que a gincana fosse realizada no tempo previsto, respeitando os horários de entrada e de saída dos estudantes nas escolas, assim como o horário de intervalo. As escolas que sediaram a gincana se organizaram previamente e ofereceram lanche aos estudantes dos quintos anos

visitantes, que lancharam junto com os estudantes dos sextos anos, oportunizando mais um momento de integração.

Além das provas, foi organizada uma exposição matemática interativa de materiais didáticos com a intenção de que os estudantes, em momentos oportunos, pudessem conhecê-los e manipulá-los. Foram disponibilizados materiais como: ábaco, ábaco de frações, tangram, quebra-cabeças variados, sólidos geométricos, poliminós, jogo da velha 3D, mesa de sinuca oval, cilada, xadrez, entre outros. Nesse ambiente foram propostos desafios que poderiam ser realizados durante a gincana e, se solucionados corretamente, atribuiriam à equipe uma pontuação extra.

A cada equipe foi atribuída uma pontuação em cada prova, de acordo com a sua classificação (1º lugar: 40 pontos; 2º lugar: 30 pontos; 3º lugar: 20 pontos; e 4º lugar: 10 pontos). A equipe com mais pontos após a realização de todas as provas foi considerada vencedora. Ao final da gincana foram divulgados os resultados e a equipe vencedora foi anunciada, recebendo uma premiação simbólica.

A MATEMÁTICA NA CONSTITUIÇÃO DA TRANSIÇÃO E DA INTEGRAÇÃO

O envolvimento da Matemática nas provas foi cuidadosamente pensado pelos organizadores – pesquisadores e professores dos quintos e sextos anos das escolas envolvidas no projeto –, de modo que ela fosse utilizada de forma criativa e divertida. Nesse sentido, as provas não tinham a intenção de cobrar o conhecimento dos estudantes sobre os conteúdos abordados, mas de auxiliá-los no enfrentamento de dúvidas ou dificuldades, priorizando a ludicidade das atividades, o trabalho em equipe e a cooperação entre os estudantes, constituindo um ambiente amistoso de socialização, compartilhamento de experiências e, também, de aprendizagem.

Os esclarecimentos sobre as provas, bem como sobre os conceitos matemáticos abordados nelas, foram realizados principalmente pelos monitores, discentes do curso de Licenciatura em Matemática e do Programa de Residência Pedagógica. Cabe destacar que foram frequentes os momentos em que os estudantes de quintos e sextos anos estranhavam as respostas e, por isso, requeriam, além das respostas corretas, uma breve explicação dos porquês e dos modos de obtenção delas.

Nesse contexto, apresentamos, de modo mais detalhado, duas das provas realizadas na Gincana da Integração: a Caça ao Tesouro e o Tangraste. Essas atividades, além de abordar

conhecimentos matemáticos, visaram a promoção da integração e da cooperação entre os estudantes.

Na prova “Caça ao Tesouro”, as equipes escolheram seis estudantes e, dentre eles, elegeram um capitão e um mensageiro. O capitão foi responsável por ler as pistas para os companheiros e o mensageiro por sanar as dúvidas, durante a realização da prova, diretamente com os monitores. A Figura 1 mostra os alunos analisando uma das pistas.



Figura 1 – Caça ao tesouro - desvendando as pistas
Fonte: Dos autores

As pistas foram elaboradas relacionando conceitos matemáticos e alguns locais da escola, como a sala da direção, biblioteca ou refeitório, de modo que os estudantes dos quintos anos pudessem conhecer esses locais, de sua futura escola.

Os monitores responsáveis por essa prova elaboraram seis pistas para cada grupo. Ainda na quadra, o monitor responsável por cada grupo entregou a primeira pista, que ao ser solucionada, indicou ao grupo qual seria a nova pista a ser procurada, que estava indicada com a resposta do desafio anterior, o que evitou que os grupos seguissem pistas erradas. Exemplo: Pista 1: Para encontrar a pista você só precisa encontrar o dobro de 32 e depois subtrair 3. R: 61 (Grupo 1); Pista 1: Você deve caçar as pistas do tesouro: tente procurar na unidade 6 e dezena 7. R: 76 (Grupo 4).

Os grupos percorreram os mesmos espaços em busca das pistas, porém elas não os indicavam na mesma ordem, enquanto a pista do grupo 1 o levava para o estacionamento de bicicletas, a pista do grupo 2 indicava que a nova pista estaria na quadra de esportes. As demais pistas se encontravam em outros quatro espaços das escolas. Exemplo: Pista 2: Muito bem você encontrou a segunda pista no “estacionamento de bicicletas”, o tesouro não está aqui, tente

procurar na primeira repetição de números iguais mais 1. R: 11 (Grupo 1); Pista 2: Muito bem! Você encontrou a segunda pista na quadra de esportes, o tesouro não está aqui, mas tente procurar na unidade 6 e dezena 8. R: 86 (Grupo 3). A Figura 2 mostra os alunos em busca das pistas.



Figura 2 – Caça ao tesouro - em busca das pistas
Fonte: Dos autores

A última pista indicava a todos os grupos, igualmente, o último espaço, a biblioteca, onde eles encontrariam o tesouro. O capitão da equipe que encontrasse o tesouro deveria entregá-lo aos monitores responsáveis pela prova, para fazer a devida distribuição.

Finalizada a prova, os pontos das equipes foram contabilizados de acordo com a quantidade de pistas desvendadas. A pontuação foi atribuída somente para as equipes que desvendaram as pistas, não sendo atribuídas pontuações às pistas encontradas por acaso. A equipe com maior pontuação venceu a Caça ao Tesouro. O tempo para a realização dessa prova foi de aproximadamente 20 minutos.

O Tangraste, por sua vez, é um jogo desenvolvido por discentes do curso de Licenciatura em Matemática, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que também tinha como intenção de uso em gincanas nas quais as escolas parceiras do PIBID levavam estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental para a Universidade em um dia festivo de diversão e integração. É um jogo que mistura corrida, habilidades motoras e raciocínio lógico na montagem das sete peças do tangram.

O jogo é composto por oito peças: uma peça central de madeira, com formato circular, presa por meio de oito cordas e um gancho, e as sete peças que compõem o Tangram, também

reproduzidas em madeira e em tamanho maior do que o convencional, contendo, cada uma, também um gancho para encaixe no gancho da peça central.

Nessa prova os oito participantes tiveram a tarefa de montar o quadrado maior que forma o tangram. Porém, no início da prova, as sete partes que compõem o jogo ficaram espalhadas a cerca de cinco metros de distância do local de montagem do quadrado.

Para levar as peças de um local para o outro, foi preciso utilizar a peça central do jogo, usando as oito cordas a ela ligadas. Cada membro da equipe foi responsável por segurar a extremidade de uma das cordas, de modo que é o trabalho em cooperação que permite o encaixe do gancho dessa peça central ao gancho de cada uma das peças do tangram que, aí sim, podem ser transportadas de um local a outro, conforme mostra a Figura 3.



Figura 3 – Tangraste
Fonte: Dos autores

Com todas as peças transportadas, os estudantes deveriam, então, montar o tangram, como mostra a Figura 4.



Figura 4 – Tangraste - montagem do quadrado maior

Fonte: Dos autores

O cronômetro de cada equipe foi parado ao término da construção correta da figura e a pontuação atribuída às equipes correspondeu à classificação dos diferentes grupos diante do tempo de realização da prova.

Com essa dinâmica, existe a possibilidade de uma equipe demorar para transportar as peças e ser rápida na montagem do tangram, ou mesmo o contrário, o que garante a competitividade devido às diferentes fases do jogo.

O Tangraste, além de incentivar o trabalho em grupo, por ser um quebra-cabeça geométrico, pode auxiliar na abordagem de noções lógicas, geométricas e na habilidade de percepção espacial.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O desenvolvimento da gincana por meio de atividades e momentos lúdicos, possibilitou aos estudantes do quinto e do sexto ano compartilharem experiências e conhecimentos sobre esse momento da vida escolar. Possibilitou também um processo de formação da própria criança, por meio da socialização entre os atores da transição e o desenvolvimento de conhecimentos referentes à matemática, que de forma implícita ou explícita fizeram parte da Gincana da Integração.

A gincana, todavia, foi uma dentre as atividades propostas para trabalhar com os estudantes esse período de transição do quinto para o sexto ano, tanto no que tange às expectativas dos estudantes dos quintos anos acerca da nova escola, sua organização e os novos colegas, quanto no que diz respeito aos estudantes dos sextos anos, que puderam se divertir, interagir com novos colegas e apresentar sua escola para os colegas dos quintos anos.

Apesar de a gincana ter se configurado como um evento nas escolas, envolvendo a participação de professores, estudantes, equipe pedagógica e universidade, as atividades realizadas podem ser adaptadas e propostas em contextos diferentes, conforme a realidade de cada escola, sem perder de vista, claro, a oportunidade de integração e de construção de experiências positivas pelos estudantes nesse momento de transição.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro, circunstanciado a partir de classificação em Edital Universal - Faixa A, de 2016.

REFERÊNCIAS

CASSONI, C. **Transição escolar das crianças do 5º para o 6º ano do ensino fundamental**. 260 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, e Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2017.

LUCKESI, C. P. Ludicidade e formação do educador. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2014.

MAIA, F. A.; SOARES, A. B.; LEME, V. B. R. Relações Interpessoais em alunos na transição para o 6º ano do Ensino Fundamental. **Perspectivas em Psicologia**, Buenos Aires, v.16, n.1, p. 1-13, jun./nov. 2019. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7043475>>. Acesso em: 10 set. 2022.

SEIBERT, D. M. **A transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental: uma investigação acerca das expectativas e impressões dos discentes**, 2019. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTPFR, Toledo, 2019.

TORRES, L. V. Brincadeiras e jogos educativos: recursos enriquecedores à aprendizagem. In: MONTEIRO. S. A. S. **Ensino-aprendizagem e metodologias**, Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Disponível em <<https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/brincadeiras-e-jogos-educativos-recursos-enriquecedores-a-aprendizagem>>. Acesso em: 10 de set. de 2022.